

O lúdico e as percepções infantis através das possibilidades de interação com o meio ambiente

El lúdico y las percepciones infantiles a través de las

Posibilidades de interacción con el medio ambiente.

Myrna Gowert Madia Berwaldt¹
Vilmar Pereira²

Resumo

O presente trabalho tem como foco principal apresentar percepções ambientais oriundas das relações infantis, sobre estranhamentos questionados nas vivências, correlacionado ao meio ambiente, diferentes culturas, histórias, e seus lugares. Dessa forma através da possibilidade de desenhar, fotografar, e dialogar sobre os motivos, e importância do registro, busca entender a percepção infantil do ambiental, e o que abrange a Praça Tamandaré localizada na cidade de Rio Grande- RS. Para tanto realiza esse esforço a partir dos olhares das crianças da educação infantil, com idade entre cinco e seis anos. O Estudo proporcionou uma melhor compreensão sobre como o lúdico orienta as práticas e percepções infantis, de forma livre de expectativas adultocentricas em relação aos resultados.

Palavras-chave: Educação infantil. Lúdico. Meio. Ambiente.

Resumen

El presente trabajo tiene como foco principal presentar percepciones ambientales oriundas de las relaciones infantiles, sobre extrañamientos cuestionados en las vivencias, correlacionado al medio ambiente, diferentes culturas, historias, y sus lugares. De esta forma a través de la posibilidad de dibujar, fotografiar, y dialogar sobre los motivos, e importancia del registro, busca entender la percepción infantil del medio ambiente, y lo que abarca la Plaza Tamandaré ubicada en la ciudad de Rio Grande. Para ello realiza ese esfuerzo a partir de las miradas de los niños de la educación infantil, con edad entre cinco y seis años. El estudio proporcionó una mejor comprensión sobre cómo el lúdico orienta las prácticas y percepciones infantiles, de forma libre de expectativas adultas en relación a los resultados.

Palabras clave: Educación Infantil. Lúdico. Medio. Ambiente.

1. Introdução

Através da globalização, que proporciona fácil acesso aos meios de comunicação a todos, e o capitalismo que condiciona os sujeitos a um ritmo acelerado de trabalho, as

¹ Estudante do Curso de Pedagogia. E-mail: myrnaberwaldt@yahoo.com.br

² Doutor em Educação Pesquisador no Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental da FURG. E-mail vilmar1972@gmail.com

crianças acabam silenciadas, submetidas ao consumo frenético para compensar ausências, esquecidas na fase mais criativa e vívida que o ser humano pode alcançar.

Problematizar a situação de silenciamento da infância, os lugares de pertencimento é uma tarefa necessária aos educadores (as) que concebem a educação como possibilidade de transformação socioambiental. Dessa maneira a importância do lúdico, explorada de forma livre pelas crianças, que através do seu imaginário constroem e desconstroem conceitos, barreiras, e aos poucos constituem o sujeito de acordo com as relações que faz com o mundo real, no ambiente que estão inseridas. As interações entre pares borbulham possibilidades de compartilhamento; de acordo com Corsaro “cultura de pares é o conjunto de rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e partilham na interação com seus pares” (CORSAO, 1997, p.51). A obrigatoriedade de inserção na escola a partir dos quatro anos, traz inquietações em relação às vivências infantis, a liberdade de escolha, e os problemas que podem acarretar no futuro, pois ainda não é efetivo o processo da educação infantil, de forma adequada a todos.

É a partir desse horizonte que estabelecemos essa discussão, em uma turma de Educação Infantil na cidade de Rio Grande-RS, com crianças entre cinco e seis anos, onde a incitação da pesquisa ocorreu através de interesses dos pequenos em relação ao que tange a Praça Tamandaré, que é lugar de visita constante desta turma. O tipo de pesquisa foi realizada foi qualitativa com imersão a de campo, aonde as vivências com a turma conduziram as escritas sem idealizações em torno do resultado.

2. Educação Ambiental em seus percursos legais.

Com objetivo de situar a temática reconhecemos as relevantes evoluções da educação ambiental no Brasil, onde se sustenta a partir dos princípios e objetivos estabelecidos na lei sobre a Política Nacional do Meio Ambiente (Lei n° 6.938/81). Nela há uma forte reivindicação da promoção da EA sendo de responsabilidade do Poder Público estabelecido no contexto da constituição Federal no art. 225.

A partir desse escopo o olhar da EA a partir de alguns documentos nacionais, ressaltamos o Programa Nacional de Educação, PRONEA, de 1994, cumpre as recomendações da Agenda 21; o PRONEA orienta as práticas de educação ambiental no âmbito formal e informal; a Lei de Diretrizes Básicas (LDB), no art.32, enfatiza a formação básica do cidadão, voltada à “compreensão do ambiente natural e social, do sistema político,

tecnologia, das artes e dos valores em que se fomente a sociedade”, e apresenta os objetivos da EA; e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) aprovados pelo MEC, nos quais declaram a principal função da Educação Ambiental:

Contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos para decidirem e atuarem na realidade sócio-ambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade local e global. Para isso é necessário que, mais do que informações e conceitos, a escola se proponha a trabalhar com atitudes, com formação de valores, com o ensino e a aprendizagem de habilidades e de procedimentos. (BRASIL, 1998, p. 29).

O Ministério de Educação e Cultura (MEC) publicou, em 1998, o volume IX dos Programas Curriculares Nacionais (PCN), sob o título Meio Ambiente e Saúdes-Tema Transversais, por serem temas que fazem parte do dia a dia, envolvendo múltiplos aspectos da vida social. Destaca o tema meio ambiente como conteúdo a ser trabalhado pela educação formal desde as séries iniciais. Para garantir o uso dos PCN nas escolas, o MEC investiu na formação de professores pondo em prática o “Programa PCN em Ação” que, por meio de profissionais, requalificou professores em todo o Brasil para discussões dos temas transversais em sala de aula. A EA é considerada, segundo o PCN, “um processo participativo por “Intermédio do qual o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, adquirem conhecimentos, tomam atitudes, exercem competências e habilidades voltadas à conquista e à manutenção do meio ambiente ecologicamente equilibrado”.

(...) A abrangência do tema é de tamanha monta que o professor/educador não pode estar desatualizado acerca das questões políticas, econômicas e sócio-educacionais para tratar de um tema tão polêmico. Às vezes o assunto é intrigante, quando nos deparamos com um ensino que prioriza mais conteúdos a título de preservação em detrimento das situações intrínsecas as quais requerem leituras de valor social. “Este tema transversal, muitas vezes é visto apenas pelo lado do conceito de meio ambiente, se limita aos aspectos da natureza, porque assim foi estabelecido nos conteúdos escolares. (SILVA, 2006, p.25).

Atualmente existem alguns instrumentos de ação no que tange a EA, onde as necessidades de investir na formação de professores são reforçadas, a fim de capacitar educadores para atuação de forma ampla, em todos os níveis de ensino; compreendendo a abrangência que envolve o tema, que vai além da construção de hortas, reciclagem, e demais temáticas normalmente associadas. Nesse contexto a agenda 21 foi uma estratégia criada no processo que se deu de 1996 a 2002, coordenado pela Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável e da Agenda 21 Nacional (CPDS) e teve o envolvimento de cerca de 40 mil pessoas de todo o Brasil. O documento Agenda 21 Brasileira foi concluído em 2002, para suprir demandas identificadas através de medidas prioritárias na ação de combate

ao desperdício, reforçando assim propostas sustentáveis, em um processo democrático com a participação da sociedade. Ao falar de investigação científica na educação infantil, a educação ambiental é tema pertinente nas rodas de conversa, pois a interação com as diversas possibilidades de descoberta através das riquezas identificadas pelos pequenos, em forma de símbolos, proporcionadas por elementos da natureza, são práticas valorosas para a construção de valores, conceitos e aprendizado.

Com o objetivo de investigar as representações das crianças da educação infantil em relação ao meio ambiente, através das suas interações, do diálogo, desenho, e fotos, o trabalho vem sendo desenvolvido em uma escola de educação infantil, onde atuamos. A fotografia é uma forma de eternizar algo que consideramos pertinente, mas será que estamos atentos as relevâncias infantis? Talvez na correria uma manifestação que passa despercebida, pode causar frustração, e inquietação. Uma semente envelhecida, recolhida em algum lugar de passagem, pode assumir muitos outros sentidos e significados aos olhos das crianças. Dessa maneira exige sensibilidade dos adultos, para incentivar o caráter exploratório dos pequenos, podendo até mesmo gerar um tema de projeto para ser desenvolvido com a turma.

Em alguns dos nossos passeios normalmente vamos até a Praça Tamandaré, que é considerada a maior do interior do Rio Grande do Sul, é notável a curiosidade das crianças em relação aos elementos que compõe a praça. Perguntas em relação aos Senegaleses que estão ali geralmente em grandes grupos, sobre os animais, as estatuas.

A possibilidade de exploração no local são infinitas, e também são uma forma de proporcionar momentos de interação com meio ambiente, tão importantes na infância. A escola que proporciona estas vivências é de turno integral, os alunos permanecem cerca de oito horas diárias na escola, possivelmente ao chegarem às suas casas não poderão mais ter acesso a rua, pois necessidades básicas, e os bens de consumo os aguardam. Pais cansados com a rotina exaustiva de trabalho, muitas vezes ainda necessitam organizar as tarefas da casa, e a frase tão conhecida, “agora não, estou ocupado”, é seguida de um longo silêncio. Por estes motivos o papel do educador ganha cada dia maior importância, com papel além de estimular as descobertas, mas de suprir atenção, muitas vezes negligenciadas

É urgente promover nas crianças a consciência do todo que abrange as questões ambientais, além das ressaltadas cotidianamente, pois o sentimento de pertencimento ao meio, de amor, e sensibilidade faz com que a alma se encha de esperança e vontade para buscar fazer o melhor em torno de si, e desta forma despertar nos demais sentidos resultado nas atitudes.

Portanto, a questão da educação ambiental, implicando numa nova visão – filosófica e científica – acerca de nossas relações como planeta, pode e deve ter seus fundamentos na educação da sensibilidade humana. Apenas discussões abstratas acerca do lixo, dos resíduos poluentes, da morte dos rios, dos danos causados às florestas e a extinção de espécies, parecem atingir bem pouco aqueles que não tiveram ainda seus sentidos despertados para o mundo que possuem ao redor. Aprender a entender e a preservar o ambiente, começando pelo seu entorno mais imediato, passa a ser, pois, tarefa de uma educação do sensível, quando não pela necessidade da beleza que, mesmo inerente ao ser humano, precisa ser despertada e cultivada. (DUARTE JR., 2004, p.188)

3. A Cultura Adultocêntrica no contexto capitalista e suas decorrências ambientais à infância

Perceber atentamente o olhar da criança no descobrimento de algo novo livre de estereótipos é necessidade primordial para avançar na perspectiva de compreender a mesma como produtora de conhecimento, nas suas experimentações sem mediação do adulto, onde suas descobertas asseguram direito de ser criança, imaginar, criar como tal, proporcionando segurança nas suas relações com o ambiente ao seu redor.

O capitalismo acelera, limita as pessoas, silencia sonhos além dos materiais, com objetivo de iludir os sujeitos em relação aos seus desejos, que geralmente são comercializados, as crianças acabam sendo as maiores vítimas deste processo, onde a falta de tempo, incentivo ao consumo, para compensar as faltas, vão gradativamente transformando os pequenos em mero reprodutores deste sistema, que gera pessoas ansiosas, deprimidas e incapazes de imaginar, sonhar, reaproveitar, construir coisas e até mesmo relações que estão cada vez mais mecanizadas, resultado do uso desenfreado as tecnologias, como diz Marques:

Há que se reconhecer também a existência de uma lógica triunfante e arrasadora na implantação gradativa do capitalismo, sobretudo em sua vampiresca forma neoliberal, com desdobramentos óbvios para a ecologia local. “Ao capitalismo, restaram à fábrica de ilusões, a necessidade intrínseca de industrializar os sonhos e os pesadelos, embalá-los, vende-los e revendê-los (...). Enfim a Terra globalizou-se. Até quando, porém, suportará o sistema orgiástico a sua própria mola entropicamente já desgastada? (Marques, 1999, p. 47).

A escola cada dia vai se constituindo com papel mais amplo e importante na vida das crianças, onde as relações além da tela do celular são construídas, lá é lugar de sonhar, deixar a imaginação voar, pensamentos virarem inspiração para as aulas e trocas possibilitadas neste ambiente. O professor precisa ter sensibilidade no ato de permitir estas vivencias, para que a infância não se perca entre ideais estereotipados pelos adultos.

“Era uma vez uma turma de crianças alunas da educação infantil, certo dia foi dito para elas que iriam fotografar algo que considerassem belo, pertinente para um registro. A

atividade aconteceria em uma aula passeio num ponto turístico da cidade, eis que o entusiasmo toma conta dos pequenos, que eufóricos com a idéia começam tirar foto deles mesmo enquanto esperam, mas a professora logo diz, não... Esperem, não é assim, e ainda não é o momento. O silêncio volta a pertencer o ambiente. Eis que a educadora conduz as crianças ao passeio, e lá elas correm para todos os lados a fim de explorar as possibilidades proporcionadas no local, novamente são chamados para ouvir explicação do idealizado para a tarefa; que diz: de um em um vão pegar a câmera e escolher algo que chame atenção para fotografar. Então a primeira menina, registra a foto de um galho seco, e a professora insatisfeita logo diz não guria, ache algo belo, como uma flor, ou um pássaro, a menina tenta explicar o motivo de sua escolha dizendo, “eu fotografei este galho seco, pois imaginei que fosse um jacaré que me perseguia na floresta”, e a resposta foi, para de bobagem, aqui não existe jacarés, procure alguma flor para fotografar”.

Esta pequena escrita reflete a realidade vivenciada muitas vezes nas escolas, onde os comportamentos e resultados são desejáveis de um modelo voltado para os padrões idealizados pelos adultos, que acabam por desconsiderar a riqueza produzida através do imaginário infantil, e seu processo criativo livre de expectativas. Assim como afirma Sayão (2002 p. 57-58):

[...] a cultura “adultocêntrica” leva-nos a uma espécie de esquecimento do tempo de infância. Esquecemos gradativamente como, enquanto crianças construímos um sistema de comunicação com o meio social que, necessariamente, integra o movimento como expressão. Com este esquecimento, passamos, então, a cobrar das crianças uma postura de seriedade, imobilidade e linearidade, matando pouco a pouco aquilo que elas possuem de mais autêntico – sua espontaneidade, criatividade, ousadia, sensibilidade e capacidade de multiplicar linguagens que são expressas em seus gestos e movimentos. Os adultos tendem a exercer uma espécie de dominação constante sobre as crianças, desconhecendo-as como sujeito de direitos, até mesmo não reconhecendo o direito de movimentarem-se.

A educação de crianças tem sido tema pertinente de grandes estudiosos, que defendem a condição da liberdade para a efetividade do processo criativo. A recente institucionalização da primeira infância provoca discussões acerca do tema. A infância está se perdendo entre grades e paredes inóspitas, aprisionadas por um ideal adultocêntrico, de janelas fechadas e encortinadas e que impossibilitam a visão de dias lindos de sol que convidam para brincadeira. As escolas devem se preparar para receber estas crianças, e promover liberdade para que através do lúdico seu desenvolvimento seja estimulado, possibilitando a socialização entre pares onde ocorre a internalização de elementos da cultura. Quando a criança brinca se torna capaz de conjugar materiais distintos, a fim de reconstruir algo que é comum no meio em que está inserido, estimulando a criatividade e o imaginário (NAVARRO, PRODÓCIMO, 2012; VIGOTSKI, 2008).

Vigotski trouxe importantes considerações sobre o brincar investigativo na infância, partindo da premissa que o sujeito se constitui nas trocas, possibilitado no relacionamento entre pares. Para o autor, a brincadeira é criadora do desenvolvimento proximal, que seria o caminho que a criança vai percorrer para desenvolver tarefas, que estão em processo de amadurecimento, logo será consolidada em um nível de desenvolvimento real. Sendo assim, o brincar assume função imprescindível para que o desenvolvimento cognitivo da criança. O lúdico das brincadeiras de faz de conta cria um mundo surreal, onde a criança pode criar situações, personagens, estimuladas pelos significados que fazem sentido para elas (NAVARRO, PRODÓCIMO, 2012; VIGOTSKI, 2008).

Padrões comportamentais foram constituídos através do tempo, distanciando a criança que não corresponde ao paradigma instituído, do modelo ideal, ou seja, aquela criança que todos gostariam de ser pais, professores. Que mesmo abnegada, consegue seguir as normas de conduta estabelecidas pela sociedade.

Sarmiento evidencia sobre as situações que ainda são vivenciadas em sala de aula, comparações entre as crianças sobre comportamentos padrão; mas também motiva o pensamento onde a criança passa a ser vista como objeto de estudo, e o resultado destes estudos que ditam a sua normalidade ou não, trazendo enriquecimento social e profissional acerca da infância:

(...) Ao mesmo tempo, é dado lugar à formação de um conjunto de saberes sobre a criança, constituída como objecto de conhecimento e alvo de um conjunto de prescrições atinentes ao desenvolvimento dentro do que se convencionou como os padrões da “normalidade”. Os saberes periciais sobre as crianças constituem-se como balizadores da inclusão e da exclusão na “normalidade” e exprimem-se em procedimentos de inculcação comportamental, disciplinar e normativa. Esses saberes originaram novas disciplinas constitutivas do campo da reflexividade social sobre a criança, com influência poderosa nos cuidados familiares e nas práticas técnicas nas instituições e organizações onde estão crianças. Destacam-se nesses saberes a pediatria, a psicologia do desenvolvimento e a pedagogia (Rocha e Ferreira, 1994 e Goldson, 1997). SARMENTO, 2004, p 4.

Uma nova concepção de infância tem ganhado força, que fomenta a liberdade no processo educacional. No caso desta escola citada, no espaço disponibilizado para as crianças, existem possibilidades para criação, elementos variados e até mesmo inusitados que compõem o cenário da sala de aula. Pedras, pedaços de madeira, folhas secas, sementes, areia, potes de diversos tamanhos e formas, onde através do lúdico conseguem criar brincadeiras, descobrem conhecimentos específicos; também tem folhas, canetas, lápis, tesoura, cola, tinta, e demais materiais necessários para desenvolvimento de atividades,

porém com a vontade da criança respeitada em relação aos seus desejos e processos de desenvolvimento.

[Na criança] as coisas passam-se como nos sonhos, não conhece nada que seja constante; as coisas sucedem-lhe, assim julga, vão ao seu encontro, esbarram com ela. Os seus anos de nómada são horas na floresta do sonho. É de lá que arrasta a sua presa até casa, para a limpar, a fixar e desmontar. As suas gavetas têm de se transformar em arsenal e jardim zoológico, museu criminal e cripta. “ Arrumar” seria destruir uma construção repleta de castanhas eriçadas de espinhos que são clavas, papeis de estanho que são um tesouro de pratos, paralelepípedos de madeira que são ataúdes, cactos que são tótems e tostões de cobre que são escudos.” (Benjamim, 1992a) SARMENTO, 2004, p 17.

É importante preservar as características da infância, pois com a chegada da puberdade, outros anseios tomam conta dos sujeitos, fazendo aos poucos desaparecer a beleza de poder viajar através do imaginário, onde a representação do mundo, das coisas e pessoas é idealizada de forma surreal.

Ao encorajar a arte de investigar nas crianças, suas habilidades são aprimoradas. Cabe aos pais, professores, que serão os mediadores das atividades um olhar livre de idealizações e expectativas na obtenção de resultados, focando no processo do brincar, para que a criança seja livre para criar suas próprias brincadeiras, de acordo com a sua visão das coisas que à cerca. Que a infância possa ser cheia de sentido e mistérios a serem descobertos de acordo com a imaginação de cada um (NAVARRO, PRODÓCIMO, 2012; VIGOTSKI, 2008).

Precisa existir uma mobilização em torno do tema educação ambiental, que orienta educadores sobre a importância de falar e atuar para além da fabricação de hortinhas, trabalhos de reciclagem, o maior desafio é promover a consciência ligada aos sentimentos nas crianças, onde as práticas ultrapassem ações momentâneas que não deixam de ser atitudes de moda.

4. Resultados e Discussões

Antes de começar as atividades práticas, promovemos uma roda de diálogo sobre os passeios na Praça Tamandaré, algo informal com relação às percepções dos pequenos sobre vivências na praça, então surgiram questionamentos em relação aos animais, mais específico dos macacos, existe um estranhamento relacionado a estes animais, pois é de conhecimento das crianças que os macacos são animais selvagens, e que deveriam estar na natureza. A jaula que habitam é pequena e não tem árvores com folhas verdes, e nem galhos para serem explorados. Outro assunto de curiosidade das crianças são os Senegaleses que em grande número trabalham vendendo produtos importados no local, e as perguntas são variadas, como as diferenças físicas, a língua, por que estão em Rio Grande.

A próxima etapa foi desenhar, não foram todos que quiseram, e como o objetivo era que fosse algo espontâneo, ficaram livres para fazer ou não.

Conforme figura 1: Desenho feito por menino de cinco anos, demonstrando seu desejo em relação aos macacos pregos que vivem na praça, que para ele deveriam estar na natureza.



Fonte a autora (2017).

As crianças são de natureza curiosa, e com este trabalho são encorajadas a pesquisa, as atividades promovem autonomia para as escolhas sobre o que descrever, relatar, indagar. Na Praça Tamandaré, circulam diariamente milhares de pessoas, pela sua localização central, e por abrigar paradas de ônibus, locais de descanso e espera, vendedores amulantes, também muitos encontros e desencontros.

Conforme figura 2: Desenho feito por menina de cinco anos, retratando os vendedores ambulantes que trabalham na praça.



Fonte a autora (2017).

Os desenhos em geral, mostram um pouco das curiosidades em relação ao entorno da praça, os animais, pessoas, estatuas, ressaltando a pracinha, que é um lugar cheio de possibilidades para exploração, tanto dos brinquedos, como da grande árvore centenária que

tem lá. Assim como diz Piaget, as representações simbólicas refletidas nos desenhos fazem a relação entre significante e significados, onde cada um ressaltou os aspectos que consideravam importantes de acordo com seus significados.

A representação nasce, portanto, da união de “significantes” que permitem evocar os objetos ausentes com um jogo de significação que os une aos elementos presentes. Essa conexão específica entre “significantes” e “significados” constitui o próprio de uma função nova, que ultrapassa a atividade sensório-motora e que se pode chamar, de maneira muito geral, de “função simbólica”. É ela que torna possível a aquisição da linguagem ou dos “signos” coletivos. Mas ela a ultrapassa largamente, pois interessa igualmente aos “símbolos”, por oposição aos signos, ou seja, as imagens que intervêm no desenvolvimento da imitação, do jogo e das representações cognitivas. (PIAGET, 1990, p.351).

O auge da prática para construção do trabalho foram às fotografias, feitas pelos pequenos, com o objetivo de registrar tudo que fosse importante para eles no momento. E que grande riqueza de material foi produzido, porém desta vez com um diferencial para a surpresa de todos, os macacos haviam sido removidos da Praça, pois um deles o Chico estava debilitado, e deprimido; algumas intervenções para sua melhora foram feitas no local, porém não estava reagindo aos estímulos e foi levado para tratamento em um centro especializado em Pelotas, junto com os outros dois da mesma espécie, e logo irão habitar no zoológico de Sapucaia do Sul. Este aconteceu apesar de ter deixado os pequenos felizes pela qualidade de vida que os animais terão daqui para frente, o retrato da porta da “gaiola” aberta, é cheia de saudade também dos macacos que por muitos anos foram motivadores de visitas e curiosidade das crianças.

Conforme figura 3: Esta foto foi tirada por menino de 6 anos, a grade aberta, representa sentimento de felicidade por saber que os macacos pregos estão em um lugar melhor.



Fonte a autora (2017).

Na construção do trabalho observar o entusiasmo das crianças, no desenvolvimento da proposta, oportuniza entendimento sobre suas percepções ambientais, de forma ampla.

Auxiliar na construção de valores, sem imposições, de maneira a contribuir para formação de sujeitos sensíveis, solidários, sonhadores, é tarefa diária e desafiadora dos docentes da educação infantil, estas características nortearam suas condutas até p fim da vida, torna-se cada dia mais elementar, diante da vasta carga horária que as crianças permanecem no ambiente escolar. As crianças estruturaram o ambiente a partir do significado prático da realidade, dos elementos sociais, físicos, naturais e emocionais necessários à consciência ambiental.

Cada sujeito tenta viver humanamente o seu tempo, e em contato com a realidade geral do projeto, participa como “cúmplice” - uma personagem na história coletiva, com a penetração crítica e a capacidade de ser solidário, mesmo que muitas vezes tenha se sentido solitário também. O respeito, a crítica ética mútua e a auto-avaliação são fundamentais na construção deste processo, muitas vezes dolorido, mas validado sob a racionalidade apaixonada da construção de um espaço cívico comum. (Sato, 2002, p.43).

Conforme figura 4: Foto realizada por criança de 6 anos, demonstra a felicidade e curiosidade sobre o ovo encontrado, será de cobra, de pássaro, ou tartaruga?



Fonte a autora (2017).

Seguindo outra abordagem feita pelos pequenos, surgem as relações de trabalho ali presentes, uma menina fotografou e fez perguntas para alguns Senegaleses, e encarregados pela limpeza da praça, onde as curiosidades foram respondidas com delicadeza pelos entrevistados, que compartilharam alegrias ali vividas, como um senhor que já trabalhava a 40 anos limpando o local, e que sentia muito prazer na sua função, e os senegaleses sobre por que vieram, como era a vida no seu país, e que tipos de animas existiam lá.

Conforme figura 5:



Fonte a autora (2017). Foto feita por menina de cinco anos mostra um senegalês com suas mercadorias, na praça, procurando um ponto para montar sua banca.

Este trabalho foi realizado no decorrer do ano de dois mil e dezessete, onde as visitas na Praça Tamandaré Durante o processo, foram se tornando diferentes mediante algumas ações, como a retirada dos animais do mini zoológico, que iniciou com os macacos prego, logo os coelhos. Momentos de proibição das atividades dos vendedores senegaleses. Atualmente o que preocupa os biólogos e comunidade é a vulnerabilidade dos cágados e tartarugas que estão no período de desova, e colocam seus ovos entre os brinquedos da pracinha, pois é o único local com areia ideal para os animais.

5. Considerações Finais

Este trabalho foi inspirado pelas vivencias faceadas no estágio em uma turma de educação infantil, onde a pedagogia de Reggio Emilia é inspiração orientadora das práticas; a criança é vista como principal ator nas atividades em sala de aula, onde a cooperação é focada entre eles, que são participativos na construção dos saberes. Nesta prática o educador adquire consciência que é um mediador, através das curiosidades ocorrem trocas de conhecimento.

Contudo apesar de ser bonito observar bichos tão de perto, é necessária a consciência que o melhor lugar para eles não é a Praça, e sim na natureza, ou em locais que simulem o habitat natural da melhor forma possível. Contemplar a curiosidade das crianças, com observações que trazem consciência do cuidado com meio ambiente, nos enchem de esperança de um mundo melhor.

Mesmo que a escola que possibilitou a execução do projeto ser particular, ela tem ações de filantropia, disponibilizando grande número de vagas para alunos bolsistas que atende variadas regiões da cidade de Rio Grande, onde diversas culturas se entrecruzam nas interações, possibilitando lindas trocas, que segundo Paulo Freire desconstroem, constituem, em um ato de se surpreende-ser e aprender coisas novas todos dias.

“[...] o homem vai dinamizando o seu mundo a partir destas relações com ele e nele; vai criando, recriando; decidindo. Acrescenta algo ao mundo do qual ele mesmo é criador. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é o jogo criador destas relações do homem com o mundo o que não permite, a não ser em termos relativos, a imobilidade das sociedades nem das culturas.” (FREIRE, 2008b, p. 64)

Grande transformação ocorre através das vivências com as crianças, onde reina a sinceridade, espontaneidade, amor, carinho, surpresas. Permite reinventar-se a cada amanhecer para poder nos transformar em melhor ouvinte, que falante, observadores que atores, onde a autonomia das crianças seja promovida, os saberes e curiosidades valorizados, percepções apreciadas com carinho e paciência.

É importante parar, refletir sobre o tempo que estamos dando tanto para alunos e filhos, sobrinhos tem sido de qualidade, pois reflexo de nossas ações, serão esta geração de crianças, que de acordo com os exemplos conduzirão as suas futuras ações que irão repercutir na cidade, país e mundo.

Referências:

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

DUARTE JR., João-Francisco. Fundamentos estéticos da educação. Campinas, SP: Papyrus, 1988. VIGOTSKI, Lev Semionovitch. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. Revista virtual de gestão de iniciativas sociais, Rio de Janeiro: Laboratório de tecnologia e desenvolvimento social, v.8, junho, 2008. Disponível em <http://www.ltds.ufrj.br/gis/anteriores/rvgis11.pdf> . Acessado em: 16 jun. 2017.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008b. 79 p.

GRIGOROWITSCHS, Tamara, Mestre em Sociologia da Educação Universidade de São Paulo (USP).

Lei nº 9.394. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Congresso Nacional, 1996a.

NAVARRO, Mariana Stoeterau; PRODÓCIMO, Elaine, Brincar e mediação na escola, Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 633-648, jul./set. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892012000300008 . Acesso em: 11 jun. 2017.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: Ministério da Educação e do desporto, 1996b .

SAYÃO, Deborah Tomé. Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas à educação infantil e à educação física. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v.23, n.2, p.55-67, jan.2002.

SILVA, H.S. O papel do conflito cognitivo na elaboração de noções de conservação por conservação por interações de pares constantes e múltiplos. Tese de doutorado, UNICAMP, São Paulo, 1999.

PEREIRA, Vilmar A. Ecologia Cosmocena: a redefinição do espaço humano no cosmos. Juiz de Fora, MG : GARCIA edizioni, 2016.

PIAGET, J. A equilibração das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As Culturas da Infância na Encruzilhada da 2ª Modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. Crianças e Miúdos: Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação. Porto, Portugal: Asa Editores, 2004. Texto disponível em: http://www.cedei.unir.br/submenu_arquivos/761_1.1_u1_as_culturas_na_infancia.pdf. Acesso em: 06 de junho de 2017.

SATO, Michèle; PASSOS, Luiz A. Biorregionalismo - identidade histórica e caminhos para a cidadania. In LOUREIRO, F.; LAYRARGUES, P.; CASTRO, R. (Orgs.) *Sociedade e Meio Ambiente: A Construção da Cidadania na Educação Ambiental*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 221-252.

SPIGEL, Lynn. *Seducing the innocent*. In: JENKINS, Henry (Ed.) *The Children's Culture Reader*. New York University Press, 1998. p.1-37.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. Revista virtual de gestão de iniciativas sociais, Rio de Janeiro: Laboratório de tecnologia e desenvolvimento social, v.8, junho, 2008. Disponível em <http://www.ltids.ufrj.br/gis/anteriores/rvgis11.pdf> . Acessado em: 10 jun. 2017.